

# Notícia: Jornalismo em Estado Puro

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.5>

**Joana Fillol**

Jornalista e investigadora  
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,  
Universidade do Minho, Braga, Portugal  
<https://orcid.org/0000-0002-8577-7809>  
[joanafillol@gmail.com](mailto:joanafillol@gmail.com)

## Descrição

Notícia pode ser o comboio que descarrilou, a greve que os alunos ou os professores anunciaram ou a frase polémica do Primeiro-Ministro sobre um acontecimento de interesse geral. Acima de tudo, a notícia trata de factos – do que aconteceu, está para acontecer ou vai acontecer. Ao contá-los, o jornalista deve fornecer a quem o lê, escuta ou vê os elementos que compõem esse facto da forma mais neutra, clara e concisa possível.

“Possível” porque a objetividade absoluta é um mito. Mas isso não significa que o jornalista não se esforce por se afastar das suas ideias e sentimentos, fornecendo ao destinatário da mensagem a informação de que necessita para formar as suas opiniões, e emoções, com os dados que lhe são transmitidos.

Se se perguntar a alguém três palavras que associe a jornalismo, “notícia” será provavelmente uma delas. A notícia é a essência desta atividade profissional. Sendo apenas uma das formas de que os jornalistas dispõem para transmitir informação a leitores, ouvintes ou telespectadores, ela é a mais pura, a mais objetiva, a mais sucinta, a mais imparcial. De entre os géneros jornalísticos, a notícia é o género informativo por excelência e está na essência dos demais – os géneros interpretativos (como a reportagem ou a entrevista) e os opinativos (como a crítica ou o editorial), sobre os quais se pode ler nas páginas seguintes.

Aliás, uma boa forma de compreender a notícia é por oposição à reportagem. Pode dizer-se que, enquanto a notícia é a preto e branco, a reportagem é a cores: através dela, o repórter leva o leitor/ouvinte/telespectador até ao local do acontecimento;

põe os sentidos alerta e “empresta-os” ao recetor da mensagem: conta-lhe o que vê, o que ouve, o que cheira, o que sente.

## Mãos à Obra

Há um ponto que antecede a escrita de uma notícia (mesmo na rádio ou na televisão, as notícias são lidas): a escolha do que vai ser noticiado. Entramos no campo dos “valores-notícia”, ou seja, dos critérios que ajudam a decidir o que vai ser ou não notícia num determinado órgão de comunicação e o destaque e/ou a ordem (hierarquização) que vai ser dada a cada assunto. Algo que ajuda a definir os valores-notícia é pensar quem é o público-alvo do jornal/rádio/televisão e qual a informação que lhe interessa receber. Há valores-notícia essenciais, como, por exemplo, a atualidade, a proximidade ou a novidade de um determinado acontecimento. Num órgão escolar há, por exemplo, que decidir que tipo de notícias terão lugar: só da escola, também da localidade onde se insere, do país, do mundo? Só assuntos que envolvam estudantes ou crianças e jovens em geral?

Decidido o que é notícia num dado meio, é preciso — como para qualquer matéria jornalística — fazer um trabalho preparatório: saber o mais possível sobre o que se vai noticiar, ouvir pessoas que possam ajudar a perceber o que se aconteceu, verificar a veracidade da informação que se recolhe.

Há técnicas que ajudam a reunir os elementos mais importantes de uma notícia. Uma delas é a “regra dos 5 Ws”, assim designada por remeter para as iniciais, em inglês, das perguntas chave a que um jornalista deve dar resposta: o quê? (what?), quem? (who?), quando? (when?), onde? (where?) e porquê? (why?). Aos “5 Ws” junta-se, por norma, o “H”, de how? (ou seja, como?). As respostas a estas perguntas permitem explicar o que aconteceu, aos destinatários da informação jornalística. Se a notícia for dada num meio impresso, as informações vão integrar as quatro partes em que normalmente uma notícia está dividida: o título, o superlead (a entrada de uma ou duas frases que fica entre o título e o início do texto), o lead (primeiro parágrafo) e o corpo da notícia.

Para redigir uma notícia, outra técnica útil é a da “pirâmide invertida”, segundo a qual a notícia deve ser escrita começando por dar as informações mais relevantes no início do texto e acrescentando, em seguida, as informações de menor importância e os pormenores. Segue-se, portanto, uma ordem decrescente de importância dos factos.

Sendo técnicas que podem ser muito úteis quando se começa a fazer jornalismo, geralmente, com a prática, os jornalistas já as usam com naturalidade, sem estarem a pensar muito nelas.

## Não Esquecer

Ao escrever uma notícia devemos ter sempre em mente que o destinatário da mensagem é o leitor/ouvinte/telespectador. A ideia não é fazer um brilharete para a

professora de Português e usar vocabulário caro. O jornalista deve fazer-se entender, sem exigir grande esforço a quem recebe a sua mensagem. Em rádio e televisão, é provável até que o ouvinte ou telespectador esteja a fazer outras coisas no momento em que recebe a mensagem. Vocabulário acessível e frases curtas (uma ideia por frase) são sempre boa opção;

Vocabulário acessível não é sinónimo de vocabulário pobre e limitado. Devem, por exemplo, evitar-se as repetições, quer de palavras, quer de estruturas frásicas. Quando se cita alguém não é obrigatório ficar cingido ao “x disse que” – observou, comentou, notou, assinalou são algumas alternativas;

Os adjetivos e as opiniões ficam melhor nas páginas de um diário pessoal. Num relato noticioso devem evitar-se e deixá-los para o destinatário da mensagem. Fundamental é dar ao recetor dados para que possa adjetivar, julgar, opinar por si próprio. Estrangeirismos e termos técnicos são também de evitar, já que podem não ser de compreensão geral ou imediata.

## Uma Citação Sobre o Género

[É] meu dever fazer com que eles [os leitores] obtenham a verdade; mas isso não é suficiente, tenho de a apresentar de forma breve para que a leiam, clara para que a compreendam, forte para que a apreciem, pitoresca para que a recordem e, acima de tudo, precisa para que possam ser sabiamente guiados pela sua luz. (Pulitzer, como citado em Ireland, 1916, pp. 68–68)

## Uma Curiosidade

Uma das explicações para a origem da técnica da “pirâmide invertida”, ainda hoje muito usada na escrita de notícias (ver “Mãos à Obra”), associa-a ao tempo em que os repórteres enviados a um lugar para fazer a cobertura de um qualquer acontecimento se serviam do telégrafo para fazer chegar a notícia à redação. Estávamos no século XIX. Como os cortes nas linhas do telégrafo eram frequentes, os jornalistas tinham o cuidado de transmitir a informação mais importante no início, pois, se a linha caísse, pelo menos os dados mais relevantes tinham sido comunicados.

## Ideias Para o Jornal Escolar

Um bom repórter, uma boa jornalista, tem boas fontes. Um repórter escolar também pode e deve ter as suas, dentro ou fora da escola, que o informem quando algo de excepcional aconteça. Por que não estabelecer contactos com a associação de estudantes, a direção da escola, a biblioteca escolar ou assistentes operacionais de espaços estratégicos? E com alguém do pelouro da juventude, da educação ou do desporto do município? Pelas funções que exercem podem ser boas fontes de notícias.

## Agradecimentos

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto “bYou – Estudo das vivências e expressões dos jovens sobre os media”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/COM-OUT/3004/2020. DOI: <https://doi.org/10.54499/PTDC/COM-OUT/3004/2020>.

## Referências

Ireland, A. (1914). *Joseph Pulitzer: Reminiscences of a secretary*. Mitchell Kennerley.